



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

REVEILLON COM MORTADELA

Marcos Roberto Inhauser

Já passei muitos réveillons na vida e já vivi diversas experiências na passagem de ano. Na infância, por questão familiar e religiosa eu os passei na igreja, cantando hinos apropriados à data. Lembro-me de um pregador pediu a todos que levassem um lenço branco para acenar na hora agá, despedindo-se do ano velho e saudando a entrada do novo.

Na adolescência e juventude ia aos bailes de réveillon. Neles, invariavelmente, a mãe Vilma (mãe de amigos a quem eu também chamava de mãe), ia para os bailes com uma tigela cheia de lentilhas e servia ao menos uma colherada a cada um. Nunca soube bem para que servia, porque, dizia ela, era para ter mais dinheiro no ano novo e isto nunca aconteceu. Devo dizer que, na quase totalidade das vezes, uma boa quantidade de bebida era certa em cada réveillon.

Mais tarde, já casado e pastor, tive vários culto-de-vigília, onde se esperava a chegada do ano novo. Muitos só iam à igreja neste dia e ai do pastor que não os celebrasse. Um ritual meio mágico para uma boa quantidade dos assistentes. Muitos acreditavam que se não fossem ao culto-de-vigília, teriam o ano todo complicado!

Mais tarde, comecei a questionar a celebração. Cheguei à conclusão que se tratava de um dia igual a todos os demais. Recusei-me a realizar os tais cultos-de-vigília. Quando vivi no Equador, vimos uma forma diferente de celebração, quando as crianças fazem bonecos de roupas velhas e pedem “pedágio” para “enterrar o velho” e no outro dia vão tomar sorvete ou comer algo com o dinheiro arrecadado. Certa feita, nos EUA, fomos convidados para ir a uma casa de amigos nas proximidades de Indianápolis. Jantamos às 18:00 e o casal foi dormir. Meio assustados, também fomos e não ouvimos um só rojão.

Tenho meus pruridos com esta coisa de se vestir de branco, de tomar champanhe, de ver fogos de artifício, etc. Uma forma massificante de celebrar. Já disse em outra feita sobre o dano ecológico que a celebração promove nas praias com a quantidade de garrafas, taças quebradas e flores lançadas ao mar.

Desde que me casei, sempre disse que queria celebra o ano novo comendo sanduíche de mortadela, coisa que sempre me valeu críticas, algumas ferozes. Por quarenta anos disse isto sem conseguir realizar o desejo.

Neste ano, convidados por uma família muito querida e apoiado pela Clerinha, fui à praia em Porto Seguro levando comigo um belo sanduíche de mortadela. Na hora agá o abri e o comi, para vergonha dos demais. Fiz questão de oferecer um pedaço a todos os que estavam à volta, que foi delicadamente recusado pelos estranhos e veemente pelos conhecidos que comigo estavam.

Comi todo o sanduíche fiquei satisfeito! E espero ter um bom ano!